

Pânico no ônibus

Marcus André Vieira¹

Departamento de Psicologia – PUC-RJ

Resumo: O artigo retoma algumas indicações de Jacques Lacan sobre a angústia, afim de discutir sua relação com os conceitos de *acting out*, passagem ao ato e sobretudo de ato analítico. Todos guardam, segundo Lacan, uma relação intrínseca com a angústia tal como definida por Freud. Em lugar de privilegiar sua distinção, o autor propõe examiná-los com relação à noção de sintoma para dar ênfase aos efeitos subjetivos de uma análise. Além das referências de Freud e Lacan, o autor utiliza-se, como apoio empírico para as noções desenvolvidas, de quatro situações. Duas com base em manchetes de jornal, um relato autobiográfico e um relato de atendimento clínico. Destaca-se o modo próprio de trabalho com o sintoma proposto pela psicanálise de orientação lacaniana: uma nomeação singular que em lugar de sobrepor-se ao inominável que habita cada um de nós, dá-lhe, ao modo de uma ficção especial, contorno e localização, o que afasta a angústia e abre novos horizontes de possibilidades em uma existência.

Palavras-chave: psicanálise lacaniana; angústia; sintoma; nomeação

Nosso objetivo neste texto será dar lugar a uma estranha forma de poder trazida à psicanálise por Jacques Lacan em seu *Seminário 10*. Ela é inseparável de uma presença não menos estranha que Lacan descreve como uma forma de alteridade “anterior a tudo o que podemos elaborar ou compreender” e a delimita, da forma mais simples, como a “presença do Outro” (LACAN, 2005, p. 31).

Para materializar esta presença, precisamos de uma situação e seu contexto. Primeiro o contexto. Vamos retornar a alguns dias que paralisaram o Rio de Janeiro em 2002².

O FERIADO DO TERROR

O que nem os mais alarmistas conseguiram imaginar acabou acontecendo ontem: o Rio parou, refém do medo, sitiado, vítima da ação de grupos, alguns armados, que ordenaram que o comércio fechasse em pelo menos 40 bairros. Prejuízos de R\$ 169 milhões para a indústria e o comércio e 800 mil passageiros sem ônibus em toda a Região Metropolitana exprimem em números o medo que tomou conta de quem vive no Rio ontem. As associações comerciais de Ipanema e de Copacabana calcularam que, durante a tarde de ontem, 80% das lojas chegaram a fechar. Cerca de 235 escolas mandaram os estudantes mais cedo para casa, prejudicando 50 mil alunos. Postos de saúde, agências bancárias e supermercados suspenderam as atividades, mas ninguém sabe explicar se o poder paralelo decretou feriado - comerciantes de várias áreas asseguraram que traficantes, armados ou não, mandaram que eles fechassem - ou se o medo coletivo provocou um efeito dominó. levando aqueles que não foram molestados a aderir à onda

Desde então, o Brasil assistiu a demonstrações ainda mais amplas do poder das facções criminosas, comandadas a partir dos presídios. Aqueles acontecimentos do Rio, porém, mais do que outros, demonstraram o quanto a insegurança pode ser uma arma e o quanto é nefasta a incapacidade de definir o raio de ação daqueles que tememos. Eles permitiram distinguir com clareza o poder concreto do tráfico de seu “poder-medo”. Apesar dos terríveis incidentes – ônibus foram incendiados, pessoas feridas –, o “feriado do terror” foi obra mais do medo e das ameaças do que da violência, da população mais do que dos traficantes.

O tráfico pode muito, mas não tudo. Dados, porém, o pequeno caos cotidiano de nossas cidades e a mistura tão carioca entre morros e asfalto, torna-se quase impossível definir o alcance de seu poder. Somos mergulhados em um ambiente de incerteza generalizada que perturba nossas balizas de realidade e apaga os limites do mal.

Chegamos à situação de Maicom.

¹ Professor assistente do Departamento de Psicologia da PUC-RJ; doutor em psicanálise pela Universidade Paris VIII; e-mail: mav@litura.com.br.

² Os dois recortes que examinaremos provêm de uma das matérias do Jornal O Globo em torno do acontecimento: PODER PARALELO (01/10/2002), O FERIADO DO TERROR (01/10/2002), MENINAS DO ANDREWS: CHORO DE MEDO (01/10/2002), PODER PARALELO (02/10/2002).

DEZENOVE PESSOAS SÃO PRESAS

A maioria dos homens que pararam uma das mais importantes cidades do Brasil não estava armada, usava chinelos e bermudas e não disse para quem estava trabalhando. Dos 19 presos ontem em flagrante por ordenar o fechamento do comércio, 11 eram menores e oriundos de favelas dominadas pela facção criminosa Comando Vermelho. Apenas um estava armado. Em depoimento na Divisão de Repressão a Entorpecentes (DRE), alguns confessaram trabalhar para o tráfico de drogas, mas também não souberam dizer por que estavam mandando fechar escolas, lojas e bancos. Alguns disseram que receberam a ordem por meio de ligações anônimas para orelhões. Maicom Levi dos Santos Araújo, de 19 anos, contou que mora na Rua Miguel Cervantes, no Cachambi, e trabalha como feirante. Ele disse que estava indo para a padaria quando ouviu o telefone público próximo ao Supermercado Champion tocar. Decidiu atender: "Ele (o homem que ligou) perguntou se o comércio estava fechado. Eu disse que não. Ele mandou eu descer e fechar tudo. Perguntei quem estava falando e ele disse que estava me olhando de longe e que era para eu obedecer. Apenas tive a infelicidade de estar na hora errada, no local errado e agora estou nesta situação", afirmou Maicom.

Como saber se o que disse a voz a Maicom ao telefone era verdade? Haveria alguém do tráfico realmente à espreita? Não seguiríamos, nós também, a ordem que recebeu? Essa situação é exemplar. Ela materializa esta presença sem corpo, mas decisiva; localizada, mas com um sentido aberto, ainda por definir. Ela concentra e demonstra algo que veio a tornar possível falsos seqüestros telefônicos e outras extorsões que têm em comum a impossibilidade de duvidar de um poder que não se assenta em praticamente nada (em nenhuma evidência de que o seqüestrador teria realmente o seqüestrado em seu poder, por exemplo) a não ser na ameaça.

O Outro da angústia

Outro é especialmente polivalente no ensino de Lacan e essa é uma de suas maiores vantagens. Traduz diversas formas de alteridade. O tipo de presença a que se refere Lacan neste seminário destaca um de seus aspectos, que chamaremos, por hora, de “Outro da angústia”.

A angústia, então, para Lacan não é coisa individual, não existe sem Outro. Contudo, o Outro da angústia é vazio. Com relação a isso que ali me sufoca, a indefinição é a regra. Maicom ouve uma voz, mas nada sabe dizer sobre ela. Pouco posso descobrir sobre a angústia interrogando quem a sofre. Sempre há medos, mais eles nunca esgotam o que se sente na angústia. Quando me angustio, não sei bem por que, nem por quem.

Ao mesmo tempo não posso abrir mão da idéia de uma relação, do lugar da angústia no social ficando apenas no plano do biológico, por exemplo, pois farei da minha angústia a mesma do rato, perdendo tudo o que nela evidentemente parece tão forte e decisivo. Imaginem o que seria propor a Maicom, em lugar de tomar uma atitude com relação ao que ouve no orelhão, apenas tome uma pílula, esqueça e vá assistir à televisão.

Além disso, apesar de aparentemente desencarnado, este Outro não é coisa do outro mundo. Não se poderá imaginar a voz ao telefone como a de Deus ou do demônio (nem mesmo como alucinação). Apesar dos aspectos mais habitualmente evidentes da fala estarem claramente em segundo plano nessa situação – afinal não será possível argumentar, com este Outro não há negociação – esta presença não existe fora do *logos*, da dimensão da linguagem. Nosso Outro só se situa “no” e “pelo” discurso. É a que serve, entre outras coisas, a referência de Lacan a Heidegger neste seminário (LACAN, 2005, p.16). A abordagem lacaniana é incompatível com qualquer teologia negativa ou mística da Presença.

Lacan parte, então, do que é mais concreto em sua presença: um tipo muito especial de poder, de uma ameaça tanto extremamente real quanto virtual. Para prosseguir, porém, com suas indicações e situar as condições peculiares que dão lugar a uma situação como a de Maicom sem risco de mergulhá-las no plano individual e de suas elucubrações psicologizantes, é preciso manter o olhar em um plano “macro”, em que nos auxilia Giorgio Agamben.

Para delimitar o próprio de nossos tempos e de sua violência particular, Agamben examina a função da exceção, encarnada habitualmente pelo líder. Constata como o líder só poderá sê-lo se houver aceitação, por parte da massa, de que alguém ou algum cargo seja investido de poderes que ninguém mais exerça. Isso posto, a massa organiza-se em torno desta figura de exceção. Ela, apesar de todos os poderes de que está investida, será, nestas circunstâncias, limitada pela própria ordem que a institui. A turba o seguirá até mesmo em direção à sua autodestruição, mas desde que apenas um lugar seja o da exceção. Se a exceção se duplica a massa se divide. Se ela se dispersa a massa também (AGAMBEN, 2001, p. 120; 171). Até aqui estamos no mesmo plano do que definiu Freud em *Psicologia das massas e análise do eu*. A contribuição própria de Agamben, quanto ao ponto que nos interessa, corresponderá a examinar, em oposição a esta forma de organização social, justamente as situações em que a exceção se perde, especialmente o regime que o direito denomina “estado de exceção”. Por contraditório que possa parecer, o estado de exceção se funda justamente na suspensão da exceção.

Para destacar o que seriam as circunstâncias especiais do estado de exceção, em vez de privilegiar violentas convulsões sociais, Agamben elege como espaço paradigmático do Outro da angústia o campo de extermínio. Delimita-se histórica e geograficamente um

universo em que tudo, absolutamente tudo, foi possível por parte de um Outro que nenhum pacto limitou (*ibid.*, p. 43; 70)³. Não é isso exatamente o que formula Lacan como a “falta de toda e qualquer norma” (LACAN, 2005, p. 52) e que a coloca em relação direta com o fenômeno da angústia? Não se trata de caos, pura anomia, mas da supressão do “vazio estruturante” da função-exceção (*ibid.*, p. 67).

Uma leitura dos nossos dias a partir de Agamben poderia ser declinada, assim, como generalização do estado de exceção, o que significa, ao mesmo tempo, a suspensão da função da exceção. Guardadas todas as proporções, não existiria algo semelhante no estado de exceção ao que viveram os cariocas, em seu imaginário, em 2002?

Sem falta

Não é a amplitude do poder de Fernandinho Beira-Mar que conta. O Todo Poderoso, desde o gênesis, desperta temor e não angústia. A supressão da exceção, do vazio estruturante, não torna o Outro mais poderoso, mas lugar de um poder de impossível localização. Por essa razão Lacan descarta explicitamente, na primeira lição deste seminário, Hegel e seu saber absoluto e associa Freud a Kierkegaard (*ibid.*, p. 353; 162). Este faz valer o essencial na experiência da angústia como indeterminação absoluta, suspensão absoluta do sentido e não um sentido do absoluto. Para que haja angústia é preciso a indefinição, que não se saiba o que pode o Outro ou não. Por isso, ali costumam faltar explicações.

Lacan, porém, não pára aí, pois visa situar este Outro no concreto da experiência clínica. Define, então, sua presença indeterminada como a de um *desejo* indeterminado. O Outro da angústia é mais diretamente apreensível se em lugar de tentarmos definir o que pode ou não, de delimitar em que plano de relações estamos, situamo-nos, um a um, com relação à dimensão de seu desejo. É um desejo muito especial, intransitivo, que nada especificamente quer e que Lacan distingue da demanda, esta, sempre desejo disto ou daquilo. É o que o leva a definir a angústia como a apresentação do desejo do Outro, “como tal”, fora de toda relação com a demanda (*ibid.*, p. 169). A partir daí chega a uma fórmula paradoxal que conecta a angústia como fenômeno “macro” com a angústia de cada

³ Cf. também TEIXEIRA, A. (2004) “Considerações acerca da violência contemporânea”, in *Opção lacaniana*, vol. 39, São Paulo: EBP, pp. 72-78. A exceção tal como delimitada por Agamben acompanha em

um: ela não é apenas a falta de toda e qualquer norma, não é apenas anomia social, mas é o momento em que nos deparamos com a impossibilidade de localizar a falta no Outro, ela é a “falta da falta” (*ibid.*, p. 52).

Falta, aqui, não é exatamente “carência”, ou melhor, é uma “carência positiva” (*ibid.*, p. 283). Não significa, para Lacan, impotência. Estar no regime da falta é estar no plano da localização das demandas, da possibilidade, por isso mesmo de negociação e do pacto. Estar fora da falta é estar no regime de uma angustiante carência irreduzível, pois carência do próprio norte que a falta confere às nossas ações.

Neste sentido, nossos traficantes (no imaginário da classe média, entenda-se bem), aproximam-se dos terroristas, que em seu desejo de destruição pura, também parecem nada querer. O terrorista, neste sentido, pode ser oposto ao seqüestrador que tem demanda definida. Com o terror não há negociação. Sem objetivos constantes, não há submissão em torno de idéias ou bandeiras universais. Não há como derrotá-lo porque não se tem um inimigo claro diante de si que tenha tais e tais fins políticos. Não há como negociar acordos com este Outro em que cada parte cederia um pouco em nome de um bem comum.

O Outro da angústia, porém, é ainda mais radical, pois nem mesmo ideologia ou ódio revestem seu desejo. Talvez fique mais claro se o abordamos pelo avesso. Em vez de um Outro-trafficante, que tudo pode (mesmo que nada tenha), podemos igualmente imaginá-lo como um Outro que tudo tem, aquilo que chamamos habitualmente de “mercado”. Recriando-se, com Jean-Claude Milner, imaginativamente sua gênese, diremos que o comunismo foi um dos últimos bastiões de exterioridade com relação à economia de mercado. Após a queda do muro de Berlin nada mais se excetuaria a ela (MILNER, 1992, p. 7). Afinal, não há objeto hoje que nosso capitalismo tardio não tenha ou não possa prover. Nada furta-se a ele. Os índios? Já têm celular. Os monges tibetanos? Vendem best-sellers. O resultado é o mesmo: impossível prever as ações do mercado. Sem desejo definido, ele passa a admitir definições tais como “nervoso” ou de “mau humor” e assim por diante, fazendo com que o melhor adjetivo para caracterizá-lo seja “ilegível” (LAURENT, 2004, p. 135).

Esbarramos, assim, com o Outro da angústia, não apenas quando impera algo como “não há ninguém que não possa ser assassinado”, mas igualmente quando, em uma versão mais *soft*, a tônica for “não há nada que não possa ser vendido”. Em ambos os casos, falta

muitos aspectos a leitura lacaniana da função paterna a partir do mito de *Totem e Tabu*. J. A. Miller

ao Outro um desejo definido. Em ambos os casos, porém, esta indefinição não se traduzirá como carência, como o desejo que alguém que nada quer, mas sim como um desejo imprevisível, feito de exigências sem perfil definido, como se vindo de alguém que parece não saber o que quer, pura “inconsciência constituída como tal”, dirá Lacan (2005, p.32). Tênis da moda, celulares, uma sandália havaiana, tudo e nada pode ser de repente, o que exige este Outro do capricho.

O Outro da angústia, do *Seminário 10* de Jacques Lacan, é uma excelente porta de entrada para acessar o Outro de nossos dias, parceiro sem contornos definidos, fragmentário e disperso (*nãotodo*, nos termos de Lacan). Esta tese, de J. A. Miller, nos permite dizer que apesar da especificidade trágica de sua manifestação brasileira, podemos supor que a insegurança em que vivemos apenas dá forma brutal à incerteza generalizada de nossos tempos (MILLER, 2005 p. 77).

Os neguinhos

Não lidamos, porém, nem na rua nem na psicanálise, com seres virtuais. Se quisermos dar lugar a este Outro, com um pouco mais de carne e osso, na relação com o que somos – tal como a situa Lacan neste seminário, será preciso modificar um pouco o contexto. Vamos sair, então, da cabine telefônica onde o havíamos deixado e entrar no ônibus nosso de todo dia. Façamos equivaler nossa cena subjetiva com o interior de um ônibus de passageiros. Poderemos retomar um pequeno relato de Celso Athayde sobre uma situação vivida por ele quando menino e que batizou *Os neguinhos do buzão* (ATHAYDE, 2005, p. 74-77).

Vinha ele no ônibus com Willian, seu amigo branco, quando dois meninos, negros como ele, subiram e puseram todos os passageiros em alvoroço ao mostrarem-se dispostos a roubá-los. Muito desrespeitosamente, pois é uma história que merece ser lida na íntegra, transcrevo alguns fragmentos:

aproximará o *nãotodo* lacaniano tanto do *biopoder* quanto do Império definido por Hardt e Negri (cf. cap. 5).

(...) Os neguinhos começaram a olhar na cara de todo mundo. Tornando mais do que evidente que iriam aprontar alguma coisa (...). Eles quase que entravam pelas carteiras, bolsos e bolsas das pessoas com os olhos. Pareciam que não tinham a menos intenção de esconder que algo estava para acontecer. Todos no ônibus ficaram em pânico. Ninguém dizia nada, nem eles (...). Os neguinhos eram sinistros. Um desespero, porque todo mundo olhava pra eles e quando eles respondiam ao olhar, era um tal de (...) abaixar a cabeça para disfarçar (...) Até ali, só havia dois crimes, o de passar por baixo da roleta e o crime psicológico, por nos aterrorizar com os olhos.

Não é difícil perceber que dentro daquele ônibus, por instantes, o Outro da angústia foi trazido à cena pelos neguinhos. No crescente paradoxal de agitação e paralisia demonstra-se como ali viveram-se por alguns instantes o apagamento dos limites, a desintegração do regime da falta. A presença deles materializou um desejo sem forma, sem demanda específica, que faz a realidade se esfumçar. O próprio ônibus se dissolve porque nele descobrimos que nossa cidade inteira, o universo sem limites, é perigoso. Nenhum lugar mais é seguro.

Ao mesmo tempo estamos ao máximo no plano da presença. Nada está em falta, ao contrário, há um excesso indefinido. A angústia de Lacan pode ser uma excelente via de acesso a nossos dias. Ela tanto indica uma virtualização do Outro, esvaziado e sem contornos definidos, quanto sua presença absoluta. É preciso apenas que se acrescente à frase de Baudrillard tornada célebre pelos irmãos Wachowsky em *Matrix* “Bem-vindos ao deserto do real!” (ZIZEK, 2003) seu igualmente essencial avesso: “Bem-vindos ao tumulto da angústia!”

Tentarei demonstrar que a arriscada visão panorâmica que acabo de instituir não tenha se imposto pela tentação da generalização pretensiosa, mas por uma necessidade clínica. Este é o objetivo maior da abordagem da angústia empreendida por Lacan neste seminário: demonstrar que é possível lidar com este parceiro impossível.

Como? Uma reação pode ser a da senhora indignada que passa a acusar Celso, assim que os neguinhos se vão.

Quando chegamos a Inhoaíba, eles saltaram e o alívio tomou conta do ônibus, que mais parecia um avião que acabara de ser libertado de um bando de terroristas neuróticos. (...) Em Campo Grande, um bairro próximo de onde eles ficaram, uma coroa gordinha e branca ia descer, enquanto dois policiais estavam subindo pela porta da frente. Ela não pensou duas vezes, começou a me insultar, gritando e dizendo coisas como: "Viu neguinho, os seus colegas quase me roubaram! Você pensa que eu não sei que você estava com eles?" (...). Meus olhos arregalaram, minha mente disparou. Eu não sabia se me atirava pela janela e fugia ou se gritava com ela também (...). Não agüentei por muito tempo, fiquei nervoso e desandei a chorar e a falar junto com ela, tumultuando o já tumultuado ambiente, dizendo que eu não tinha nada com isso, que eu tinha ido com o William alugar um ônibus na Pégaso (...).

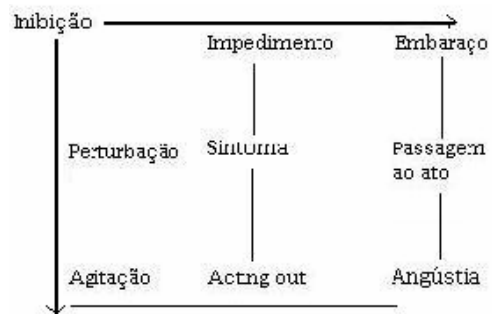
De fato, é difícil resistir à tentação de fornecer a este Outro a essência que lhe falta. Como é preciso definir quem é quem, sempre haverá alguém para pagar o pato e permitir que troquemos a presença absoluta do Outro da angústia por um objeto de ódio ou temor.

Na rede do ato

Para poder lidar com este Outro de outro modo, sem transformá-lo em Deus, no demônio ou, pior, num pobre diabo, Lacan apresenta a seu público, na primeira lição de seu seminário, o seguinte esquema.

Ele retoma os três grandes registros clínicos delimitados por Freud: *inibição*, *sintoma e angústia* e a eles acrescenta outros termos, colocando-os em relação.

Para abordá-lo, é preciso ter em mente que ele visa agarrar alguma coisa que escapa ao conceito sem domesticá-la por nenhuma de suas



vias de abordagem habituais. A angústia e seu Outro não serão transcendentais, como figuras de uma Presença silenciosa; nem biologicamente objetivados, nem familiares, como experiências afetivas abordáveis por empatia ou introspecção. Apesar de mobilizar termos que costumam ser situados no registro do psicológico, o esquema deve ser localizado, segundo Lacan, no “assoalho do vivido” (LACAN, 2005, p. 19). O esquema é mais uma *rede*, como nomeia J. A. Miller, do que um catálogo. A angústia é ali mais um

modo de acesso a um tipo paradoxal de presença do que uma experiência⁴. Os termos propostos por Lacan não são nem indícios da presença divina, nem comportamentos objetivados, nem sentimentos universais. Por isso recorre à etimologia e a situações urbanas para situá-los, como tentei até aqui, a partir do jornal, para dar-lhes uma versão mais abaixo do equador.

Portanto, cuidado! *Inibição*, para Freud não corresponde a algo subjetivo, como tendemos a entendê-lo em português. Ele a define como pura perda da função, parada no movimento; não seu impedimento psicológico⁵.

No eixo vertical, seguem-se dois níveis de aumento de movimento com relação ao grau zero da inibição. Lacan chama o primeiro de *émotion*. Seu correspondente literal em português, “emoção” deve ser esvaziado de uma subjetividade que tudo e nada significa e que ainda por cima nos faz pensar em paralisia, contrário do que define Lacan. Vale pensar em algo como “perturbação”. Tal como no ônibus há um incremento de agitação, mesmo que sem direção. O segundo termo, *émoi*, será associado a motins e revoltas populares, evocando a idéia de um aumento ainda mais caótico do movimento, de confusão da ordem. Por esta razão, a versão brasileira do seminário optou por “comoção”. Lacan não hesita em aproximar a angústia de termos como tumulto e arruaça.

O eixo horizontal também delinea uma gradação, na qual mais importante que o movimento está o entrave a ele, a dificuldade em avançar. Seus dois termos, a partir da inibição, são: *impedimento* e *embaraço*. Evitando ainda uma vez o psicologismo, Lacan busca na etimologia a idéia de uma opressão, um esmagamento, para designar esta dificuldade. É que ele não quer situar um sujeito que se sentiria por essa ou aquela razão psicológica impedido, mas sim delimitar aquilo que parece impedir que em uma situação dada, haja possibilidade de avanço em uma direção determinada⁶.

⁴ A compreensão por ele buscada é “de um fundamento [*ressort*] e não de uma vivência” (LACAN, 2005, p. 27), o que leva J. A. Miller a distinguir uma angústia constituída de uma angústia constituinte (cf. MILLER, 2006, p. 55). E o que faz Lacan descartar o tema da “expectativa”, recorrente quando se trata de angústia (LACAN, 2005, p.17). Certo, a angústia inclui um sentido de expectativa, mas é expectativa do quê o que conta e não sua definição afetiva.

⁵ Lacan ratifica inteiramente este uso de Freud (*ibid.*, p. 344) e deixa claro nesta primeira lição o quanto inibição para ele é a objetivação, simples constatação, do sentimento de parada que provoca um sintoma. Neste sentido, compara a inibição com a leitura dos acontecimentos em congressos científicos e a define como “um sintoma posto em um museu” (*ibid.*, p. 19).

⁶ (Cf. MILLER, 2005, p.14). Não se deve confundir esta “barra” com a idéia de *sujeito barrado* que Lacan destaca desde o início de seu ensino. O sujeito de que trata a psicanálise é, para Lacan, sempre descentrado, dividido, não se sabe bem onde está. É o que Lacan designa diversas vezes com o termo *barrado*. Sujeito e barra são assim, para Lacan, quase sinônimos. A “barra”, neste seminário é outra coisa. Opõe-se ao sujeito.

Cada eixo se inicia no zero da inibição, cresce no campo do sintoma e acaba na angústia. Tanto o ponto de grau zero, da pura inibição, quanto o mais longínquo, próximo à pura agitação, são o fim, pois marcam um ponto de dissolução subjetiva. O primeiro eixo marca uma movimentação progressivamente exacerbada que é, ao mesmo tempo, uma desorientação, perda da potência, da possibilidade de ação organizada. Do mesmo modo, o segundo eixo associa as duas noções, de progressão e de dissolução, pois a dificuldade em avançar cresce até que o esmagamento seja absoluto na angústia. Dessa forma, para além da angústia não há mais ninguém para contar a história.

A estrutura do esquema não poderá, portanto, ser lida como a de uma matriz cartesiana, em que os eixos das coordenadas e das abscissas se estenderiam ao infinito. Se assim fosse, em cada eixo poderíamos acrescentar sempre novos termos, cada qual mais intenso que o anterior em uma carreira sem fim⁷.

Desenha-se, então, um campo fechado, cujos confins (a inibição e a angústia absolutas) e suas fronteiras (feitas de *agitação*, *perturbação*, *embaraço* e *impedimento*), delimitam os contornos do mundo, pois para além deles não há mais sujeito. Nos termos de Lacan neste seminário, desenha-se assim “a cena do mundo” (LACAN, 2005, p. 43). A cena subjetiva, tal como a cena do mundo tem limites. Apesar disso, esses limites não definem o fim da intensidade. A cena subjetiva poderá ter sua intensidade aumentada ao infinito em seu interior. Tal como no ônibus.

Esta é a paradoxal estrutura do Outro lacaniano. Nele residem todas as palavras, objetos, gostos e histórias. Ele é sem fundo. O Outro, porém, não poderia tudo ter. Falta-lhe sempre algo para dizer o que somos. É o que assinala o momento em que uma mãe diz a seu filho “você é impossível” ou “não te agüento”. Falta-lhe, a despeito de toda ajuda que puder requisitar junto à avó, ou aos doutores, algo para apropriar-se da singularidade daquele ser, que o faz único e indefinível.

O Outro tanto é um campo fechado, quanto aberto. É infinitamente falador, infinitamente capaz de prosseguir sondando o que lhe falta. Ao mesmo tempo é limitado por esta falta. Perdida essa falta perde-se a estrutura do Outro que se transforma no Outro da angústia. Rompe-se o Outro como alteridade estável, corpo coeso, limitado por uma

Cai sobre ele e o esmaga. Talvez por isso, Lacan oscile na definição deste eixo que tanto denomina eixo “do sujeito” quanto “da dificuldade em avançar com relação ao gozo” (LACAN, 2005, p. 19).

⁷ Deixaremos de lado, neste texto, o fato da cena subjetiva, definida como o fizemos, ser idêntica ao campo do sintoma.

falta interna que lhe faz desejar, negociar, pedir. Perde seus contornos e se transforma em massa disforme, desintegral. Os limites se embaçam e florescem fenômenos de borda que Freud reuniu sob o termo *Estranho* (1919). A falta da falta combina-se com a vertigem do fim das fronteiras, de um tudo possível, da suspensão dos limites. Estaremos lançados nessa premência agitada, costumeiramente chamada de angústia. É o que trazem à cena os neguinhos no buzão.

Passagem ao ato e *acting out*

Às vezes, parece necessário abrir à bala uma saída para essa angústia. É um modo de furar o Outro para lhe dar, na marra, novamente a falta. O esquema de Lacan reserva um lugar para este gesto desesperado a partir de duas figuras clínicas: a passagem ao ato e o *acting out*. Para pôr estes conceitos em ação, Lacan se refere ao caso de Sidonie Scillag, a jovem homossexual de Freud (com relação à passagem ao ato) e a um caso de Ernst Kris, conhecido como o do homem dos miolos frescos (para o *acting out*). Nós, seguindo as indicações de Lacan, tal como as articula J. A. Miller, vamos prosseguir no ônibus.

Se fazemos do interior do ônibus o mundo, podemos aproximar o *acting out* daquilo que realiza a senhora. Como todos os passageiros, ela arranja um modo de fixar o Outro da angústia em um objeto específico, Celso. Fazê-lo descer, tornaria novamente o mundo habitável. Elegê-lo como objeto de seu ódio, faz deixar para trás os neguinhos e lhe dá alguma coisa pronta para receber sua cólera: “Viu neguinho, os seus colegas quase me roubaram!” No *acting out*, aquilo que prometia ser insuportável será posto em cena, encenado. Se o ônibus é a cena, o *acting out* é uma “cena na cena” (LACAN, 2005, p. 46; cf. cap. 4), gerando grande perturbação, mas dando um passo atrás com relação ao tumulto desenfreado da angústia.

A passagem ao ato, por outro lado, corresponde a tentar extrair aquilo que se apresenta como apagando o furo. Muitas vezes é o próprio sujeito, como objeto, que deverá, tal como Getúlio Vargas, sair de cena, cair fora, para deixar um furo no Outro e um mundo melhor atrás de si⁸.

⁸ Passagem ao ato e *acting out* são “evitações” da angústia (LACAN, 2005, p. 130), tentativas de solução. Tanto são modos de lidar com o objeto em situações clínicas precisas, quanto dois eixos articulados para manter aberto o furo no Outro. Pode-se, então, nelas reconhecer a mesma estrutura do binômio “alienação e separação”, com que Lacan situará as coordenadas da própria subjetividade no ano seguinte de seu seminário (cf. LACAN, 1985, p. 193-217). Lacan está introduzindo seu objeto *a*. Talvez por isso enfatize mais o termo

Continuando no ônibus, não é preciso ir longe para se avaliar os efeitos da impossibilidade de dar a angústia um furo. Sua mais brutal demonstração talvez tenha sido a de Sandro do Nascimento, com o seqüestro do ônibus 174 no Rio de Janeiro em junho de 2000. Muitos já descreveram e analisaram, a partir do ocorrido, o absurdo da polícia, do governo ou de nossa sociedade. Quero apenas lembrar que Sandro parou o país durante quatro horas, sem nenhuma demanda precisa. Ele exigiu desde o início a presença das câmeras. Colocou-se continuamente em cena e coordenou uma tensa e confusa encenação, fazendo a polícia e o mundo acreditar que havia executado um de seus reféns. No face a face com suas vítimas, Sandro parece ter definido o público como o lugar de um ponto de fuga, como se arrancando uma vida do Outro, as coisas pudessem ser de outro modo. Ocorre que para seu público era ele o objeto a ser extirpado, levando assim a que Sandro e a mídia dançassem um trágico *pas de deux* que, com a entrada da polícia, culminou com a morte de uma inocente refém e com sua própria morte, ejetado da cena do mundo.

Nós, seguindo as indicações de Lacan sobre a angústia, tal como as articula J. A. Miller⁹, vamos prosseguir no ônibus. A cena de Celso conclui-se de modo bem menos trágico.

sujeito, a que seus ouvintes estavam mais acostumados. Ele dirá então, por exemplo, que na passagem ao ato “o sujeito se precipita e despenca fora de cena” (LACAN, 2005, p. 129). É preciso lembrar, porém, que neste momento, o sujeito “se reduz” a um objeto-resto (*ibid.*, p. 125). É justamente a dimensão do sujeito, como furo no Outro, falta fundamental, que está apagada na angústia. Do mesmo modo, quando no *acting out*, “o sujeito se coloca em cena” (*ibid.*, 138) é possível pensar esta indicação como um modo de presença em cena, do objeto. Dessa forma, não apenas o sujeito cairá fora *niederkommen lassen* (*ibid.*, p. 129), identificado com o objeto, tal como Getúlio, como poderá tentar destruí-lo, ejetá-lo de cena, tal como Hitler aos judeus (cf. REGNAULT, 2003). Esta aproximação entre os dois binômios tem ainda a vantagem de contornar a oposição simplista entre passagem ao ato e *acting out*, que tende a fazer com que o lacanismo dê sustentação a uma partilha pré-psicanalítica no estilo: “passagem ao ato é coisa séria, grave” enquanto que o *acting out* seria apenas “teatro”. Um pediria intervenção “no real”, outro poderia ser abordado pela palavra e a transferência. Se fosse apenas para isso, para ratificar o chavão “quem quer se matar, não anuncia”, Lacan não precisaria ter se dado tanto trabalho.

⁹ MILLER, J-A. *Ibid.*

Nesse momento, o policial olhou pro William e perguntou a ele, com muita tranqüilidade, se eu estava realmente com ele (...) “sim sinhô, ele tá cumigo!”, mas era a maior mentira. Ele é que estava comigo; eu é que estava pagando sua passagem, inclusive (...). Ele parecia saber que estava colocando sobre mim um cobertor em uma noite muito fria (...) O policial olhou para seu colega, depois para a coroa com sotaque de professora de colégio primário e parecia exigir dela uma explicação. A injusta da coroa então (...) pediu desculpas, não pra mim, mas pro William, me olhou de rabo de olho e desceu com ar de quem tinha dado uma grande mancada. (...). Continuei tremendo e chorando, só que, agora, de raiva..., certo de que o mundo tinha que acabar ali. Desejei que o buzão batesse de frente contra vários caminhões que cruzassem a pista contrária, pois assim morreria todo mundo e tudo aquilo acabaria, mas graças a Deus, o buzão não bateu e, infelizmente, aquilo parece que nunca irá acabar.

Willian foi o nome do sintoma coletivo, do arranjo-cobertor que reintegrou Celso no mundo dos homens. Mas a que preço. Aparentemente mais prosaica, a situação não deixa ser terrivelmente violenta. “Aquilo” que nunca acaba prosseguirá com Celso como presença de um racismo insuportável e sem fim.

Até agora nossa travessia com a angústia parece ter apenas deixado para trás o que não se deve fazer. Tumulto, perturbação, *acting out*, passagem ao ato, seriam apenas falsas pistas? Nosso esquema é uma rede, mas não qualquer uma. J. A. Miller (MILLER, 2006, p. 14) retoma a idéia de Lacan de que, para abordar a angústia não há rede, apesar disso uma rede vale a pena: “em se tratando de angústia não existe rede [de proteção], cada malha só tem sentido se deixar o vazio [real] em que a angústia existe” (LACAN, 2005, p. 18 e 23). Nem rede de proteção, para o equilibrista, nem filó para aprisionar o real da angústia, mas rede, como na definição de Guimarães Rosa: “uma porção de buracos amarrados por um barbante”.

Podemos, neste sentido, agora que já percorremos todos seus nomes-furo, retomar a angústia. No ponto extremo do esquema, em que o máximo de movimento e o máximo de desorientação se encontram, está a angústia. Ela, porém, apesar de sua função-chave, não será o objetivo. Seria no mínimo estranho que um tratamento analítico tivesse como proposta angustiar-se mais e mais, ou que situações como a de Maicom fossem edificantes, constituindo um parâmetro ético. Lacan segue estritamente as coordenadas freudianas que fazem da angústia apenas um sinal (FREUD, 1925/1976, p. 97). Ela não é nada que valha a pena se não for apenas um sinal que indica a aproximação de nosso Outro. O que dela será feito, isso sim, é que será o essencial. Este é o objetivo maior da aproximação empreendida

por Lacan entre o Outro da angústia e a encruzilhada de Kierkegaard: demonstrar como, com este parceiro impossível, pode-se decidir um destino.

O Tigre e a certeza

Quando em uma encruzilhada, tanto um quanto outro caminho são estritamente válidos, materializa-se não apenas a falta (de sentido), a indefinição da escolha, mas a própria encruzilhada. Com o Kierkegaard de Lacan diremos que a angústia, nem animal, nem espiritual, se apresenta sem uma significação específica por ser a presentificação da abertura máxima do leque de significações. Ela é a presença concreta de um Outro que se apresenta como a radical abertura do campo dos possíveis (DEPELSENAIRE, 2004, p. 28).

Que melhor acesso a esse Outro em toda sua ambigüidade senão pelas veredas do Sertão de Guimarães Rosa?

Sertão, – se diz –, o senhor querendo procurar nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera o sertão vem (...). O sertão é confusão em grande demasiado sossego (...) não é malino nem carinhoso, mano oh mano!: –... ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo.(...) Rebulir com o sertão como dono? Mas o sertão era para, aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para à força se compor. Todos que malmontam no sertão só alcançam de reger em rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre embaixo da sela (ROSA, G. 1956, p. 289, 343, 394 e 284).

Sem tiros, nem carinhos, uma análise visa nos permitir jogar para valer nossa partida com este Outro.

Para tanto, Lacan desdobra a angústia em dois aspectos essenciais.

O primeiro destaca o quanto essa aproximação da pura indeterminação que caracteriza a angústia é feita de certeza. Não a certeza do saber, aquela que nos conforta quando nos asseguramos junto aos manuais estar fazendo o que se deve nesta ou naquela situação. Mas a certeza de estarmos diante de algo decisivo.

O segundo aspecto ressalta o quanto a angústia é grávida de um ato. Sabe-se, mesmo sem pensar, que uma atitude terá que ser tomada e que ela será decisiva. O ato, aqui, no sentido que lhe dá Lacan, deve ser claramente distinguido das ações de todo dia tanto no plano da mera “resposta motora” (LACAN, 2005, p. 344). O ato é um verdadeiro acontecimento. Nada mais será como antes depois dele¹⁰.

¹⁰ O exemplo canônico será a travessia do Rubicão por César (Cf. MILLER, 2001).

Por isso, Lacan define o ato como o “correspondente polar da angústia, a ser situado tanto em um extremo do esquema quanto do outro, na inibição. O ato é aquilo que, surgindo da angústia o lugar da inibição, eliminando aquilo que impedia o movimento” (LACAN, 2005, p. 344).

Associada à passagem ao ato e ao *acting out* a angústia constitui com eles um tripé. O vértice deste triângulo guarda outra possibilidade, não apenas angústia, mas também aquilo que Lacan chamará de *ato*.

O que define que algo acabou e outra coisa pode começar? O que faz diferença e efetua um verdadeiro corte? O ato é tão impossível de apreender que se busca incansavelmente no carisma ou na inteligência emocional, por exemplo, este a mais que o permite. O esquema de Lacan busca exatamente mapear esta relação entre ação e ato do ponto de vista da psicanálise.

Cada um dos elementos da rede de Lacan parece feito para destacar o ponto fundamental do esquema, que resta fora da malha, o ato. Ele é aquilo que se decide no encontro com o tigre.

Um último giro em nossa manivela conceitual.

Cada um carrega consigo um sertão à sua medida, feito dos trilhamentos de seus encontros – um gesto de carinho, uma mordida de cão, o sol de um dia azul. Nem tudo o que se vive fica marcado, o tanto que deixou marca produz uma grade de caminhos mais limitada do que se gostaria de crer. Apesar de limitada, ela não pode ser percorrida integralmente, pois nem tudo está à disposição. Não é preciso conhecê-la, seria tarefa objetivante e interminável, pois ela prossegue sendo alimentada e recriada. O nome lacaniano para o sertão é *fantasia*. Voz de traficante ou tigre, o Outro da angústia se apresentará para cada um conforme sua trama própria de veredas. Lacan considera que a malha da fantasia desenha aquilo que ocuparia, para cada um, o centro obscuro do Outro, aquilo que se apresenta como completando seu furo, tornando-o o Outro da angústia. Ninguém pode dizer o que tem em seu centro o Outro da angústia.

Este segredo será chamado por Lacan, objeto *a*. É um objeto paradoxal, pois se realmente existisse, nos mergulharia na angústia. Por isso ele é apenas uma imagem recortada no que a fantasia não cobre. Desta forma, deixar o plano macro e mergulhar na singularidade dos roteiros é perder as figurações coletivas do que angustia e penetrar nas montagens mais íntimas do que não conseguimos nem mesmo lembrar quando acordamos.

É também deixar para trás, num certo sentido, a própria noção de Outro. A virada lacaniana consistirá em relativizar seu próprio conceito, esvaziar as veredas em proveito de seu centro sempre singular e em movimento. Localizar, assim, no Outro, esse objeto.

A angústia, então, não pressuporá a falta de um objeto, apenas sua apresentação objetual de forma muito especial, ao máximo imprecisa. A angústia será, assim, distinguida do medo que tem objeto sempre mais ou menos preciso. Não porque seria sem objeto. Ela é “não sem” objeto (LACAN, 2005, p. 101). Aqui está a incisão lacaniana na questão do objeto da angústia. Em lugar da falta de objeto, o objeto de uma indeterminação singular.

Fracassos

O modo mais direto para transmitir um pouco do que seria a lida com este desobjeto é um outro relato. Extraí alguns fragmentos, também aqui muito desrespeitosamente com relação a uma história clínica, que deve ser lida na íntegra (mais adiante nesse livro), de um atendimento com crianças de cerca de oito anos do Projeto Digaí (cf. ALMEIDA, F. 2008).

Marcelo chega ao grupo agitado, provoca os outros participantes, corre de um lado para o outro, se arrasta no chão entre as cadeiras para “assustar” as meninas, pula a janela, fala alto, é muito impulsivo (...). Num dos encontros traz um caderno e me mostra seus “segredos”, monstros desenhados da primeira à última página, com legendas, ora “monstros”, ora “super-heróis” e comenta: “Sabia que eu sei desenhar a morte?” e em vários dias subseqüentes desenha a morte.

A psicanálise deixa o plano “macro” e mergulha na singularidade dos roteiros. Perdem-se as figurações coletivas do que angustia e penetramos nas montagens mais íntimas do que não conseguimos nem mesmo lembrar quando acordamos. Acontece de apresentarem-se, aqui e ali, pedaços relativamente incongruentes com a queixa. São elementos vindos da periferia, restos, lixos do dizer, que podemos aproximar do objeto *a* e que tem o mesmo valor de estranheza que os neguinhos. Uma análise aciona esses pedaços e em lugar de exigir que sejam eliminados, obtém deles uma aproximação relativamente controlada. Da agitação de Marcelo, brotam imagens da morte. A análise permite que elas,

nomeadas, desenhadas, percam em força, mas, sobretudo, vai delineando com elas um elo comum¹¹.

Para quê?

Marina, outra participante, é calada, tem dificuldade de brincar com outras crianças, está sempre isolada e apesar de ter 8 anos não sabe escrever. Conta sobre seu medo do que chama de “bicho matador”, assustador, que está em todo lugar amedrontando-a. À medida que vai contando a história desenha seus elementos no papel. No momento em que está prestes a desenhar o bicho matador, pára e diz: “Esse eu não sei desenhar”...

A psicanálise não quer ganhar nenhuma guerra. Ela vive do fato de que no campo de nossa inescapável humanidade invariavelmente há fracasso. Não se vencerá o monstro da morte e não há dinheiro ou arte que resolvam isso. Isso não significa que se vá propor a Marina, que está suspensa na insegurança, cruzar os braços.

Nem sempre o fracasso é somente signo da impotência universal, de um vazio existencial. Sobre o bicho matador não há vitória. Mas o monstro não precisa ser só angústia e horror. No ponto em que dele era impossível falar, um pedaço do bicho de outro pode servir.

...mostrando-se incomodada, mas imediatamente vira-se para um dos desenhos de Marcelo sobre a morte e diz: “Esse é o bicho matador”. Marina depois volta a desenhar a mesma cena e, então, consegue desenhar o bicho matador e escreve o nome dele.

Valéria se serve do desenho de Rogério para expressar seu medo e fazer um primeiro esboço de nomeação. Já é muito. O bicho matador pode ser solução, desde que, apostando-se no fracasso, seja possível extrair dele alguma coisa passível de entrar em um novo arranjo. Nada muito distinto do que ocorre em uma análise.

Mas isso não deixaria Marina na dependência do que lhe transmite seu pequeno companheiro? Não precisará sempre de renovar suas trocas para continuar nomeando seu bicho? Parece que podemos esperar ainda mais de seu trabalho a partir do que se segue:

¹¹ A angústia também não será o ponto de chegada. Apesar de sua função-chave, não será o objetivo. Seria no mínimo estranho que um tratamento analítico tivesse como proposta angustiar-se mais e mais, ou que situações como a de Celso fossem edificantes, constituindo um parâmetro ético. Lacan segue estritamente as coordenadas freudianas que fazem da angústia apenas um sinal (FREUD, 1925/1976, p. 97). Ela não é nada que valha a pena se não for apenas um sinal que indica a aproximação de uma situação decisiva. O que ali será feito, isso sim, é que será o essencial.

Elza, outra participante do grupo, pega o papel e diz que ali não tinha nada escrito, era só um rabisco. Eu digo que é o nome do bicho, só que é uma “escrita secreta”. Marina pega a deixa e diz que como Marcelo conhece o segredo ele pode ler. Marcelo não recua do papel para o qual foi convocado e responde lendo o nome (um grunhido, um nome sem sentido). Marina satisfeita confirma dizendo que é isso mesmo e diz que o bicho só não aparece para os adultos. Marcelo, então, sugere que ela fique sempre ao lado de um adulto para se proteger, mas ela diz que isso não resolve e então encontra a solução dizendo que o bicho desaparece sempre que vê seu nome escrito.

Com a “escrita secreta”, torna-se possível ler o ilegível. Do jeito certo, sem que seja compreensível, senão seria apenas um sintoma a mais. O mais importante é o quanto essa cristalização de um horror, pela conexão com um outro, ganha vida. Marina agora tem recursos próprios para fazer laço com o mundo e enfrentar seu medo.

Nada disso se faz sozinho. O inferno não são os outros, ao menos nem sempre. Essa é a saída de Lacan para o *Huis clos* de Sartre. O coletivo é necessário, pois a partir dele é possível encontrar-se a distância necessária entre o que se pode dizer de si e o que ficará, lá no fundo, como pura estranheza. A partir daí o ônibus da angústia se esfumaça.

O exemplo é só um fragmento. Não reflete a realidade de Marina e Marcelo. Mas permite-nos imaginar em sua força de condensação radical todo um trajeto analítico. Desenhada a borda do desconhecido, o ato de escrita de Marina arranca do caos os elementos que ficavam fora da cena do sintoma. Onde antes havia fobia, transtorno do déficit de atenção etc. que afastavam seus bichos, mas impediam Marina de lhes dar algum tratamento, haverá um novo arranjo. Não se acabará o sintoma, mas ele agora poderá ser um modo próprio de nomear o que não tem nome. Dará, assim, lugar àquilo que em nossos corações e mentes insiste, às vezes no horror, às vezes no êxtase e que com um pouco de sorte pode tornar-se presença companheira. No final das contas, no ônibus de Marina talvez possa-se entender que, como diz o mote: *na vida tudo é passageiro, menos o trocador e o motorista.*

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, G. (2001) *Homo Sacer*. Stanford: Stanford University Press.

_____. (2003) *L'état d'exception*. Paris: Seuil.

ALMEIDA, F (2008) “O cartel e o Digái”, in MACHADO, O & GROVA T. *Psicanálise na favela – O digái e a clínica dos grupos*. Rio de Janeiro: Digái.

DEPELSENAIRE, Y. (2004) *Une analyse avec Dieu*. Bruxelles: Lettre volée.

FREUD, S. (1921/1976) “Psicologia das massas e análise do eu”, in *ESB.*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1925/1976) “Inibição sintoma e angústia”, in *ESB.*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1909/1976) “O Estranho”, in *ESB.*, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago

_____. (1925/1976) “Inibição sintoma e angústia”, in *ESB.*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago.

LACAN, J. (2005) *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1962-1963) *O Seminário, livro 9: A identificação*. [inédito].

_____. (2006) *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1988) *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (2003) *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LAURENT, E. (2004a) “La aurora del sintoma”, in *Ciudades Analíticas*: Buenos Aires: Tres Haches.

_____. (2004b) *Ciudades analíticas*, Buenos Aires: Tres Haches.

LINS, P. (1997) *Cidade de Deus*. São Paulo: Cia.das Letras.

LUTTERBACH-HOLCK, A. L. & VIEIRA, M. A. (2007) “A ação lacaniana e o Digai Maré”, in *Correio*: EBP, p. 40-52.

MILLER, J.-A. (2006) “Introdução à leitura do Seminário 10, a angústia, de Jacques Lacan”, in *Opção lacaniana*, vol. 43, São Paulo: EBP, 2006.

_____. (1988) “Jacques Lacan: Remarques sur son concept de passage à l’acte”, in *Actualités psychiatriques*, n. 1, Paris : Actual.psy, p. 5-14.

_____. (2000) “Teoria do parceiro”, in *Os circuitos do desejo*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

_____. (2005) *El Outro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós.

MILNER, J. C. (1992) *Constat*. Paris: Verdier.

REGNAULT, F. (2003) *Notre objet a*. Paris: Verdier.

ROSA, G. (1956) *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

SOARES, L. E.; MV BILL & ATHAYDE, C (2005) *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro, Objetiva.

TEIXEIRA, A. (2004) “Considerações acerca da violência contemporânea”, in *Opção lacaniana vol. 39*, São Paulo: EBP, 2004, p. 72-78.

VERÍSSIMO, L. F. (1985) *A mãe do Freud*. Porto Alegre: LPM.

ZIZEK, S. (2003) *Bem vindo ao deserto do real!* São Paulo: Boitempo.

Panic in the bus

Abstract: This paper focuses on some aspects of the Lacanian theory of anxiety. It brings out the concepts of acting out, *passage à l'acte* and analytic *act*. They all keep straight relationships with the anxiety as pointed by Freud. The author do not stresses their differences but their common points regarding the symptom that is the conceptual heart of the text hence its goal is to bring out the importance of the subjective effects of an analytical treatment. Besides the Freudians and Lacanians concepts, the text is based in four empirical situations: two of them from the newspaper, one from an autobiographical essay and a clinical case. The psychoanalytical particular way of dealing with the symptom is by these means put in evidence. It is framed in this text as a way of *naming*, a singular naming that doesn't hide what cannot be named, which Lacan calls *the real*, but instead of it, gives a place to the real in the world. This, gives the anxiety a issue and opens the alternative possibilities inside a personal history.

Key-words: Lacanian psychoanalysis; anxiety; symptom; naming

Recebido em 13/04/08

Aprovado em 27/05/08